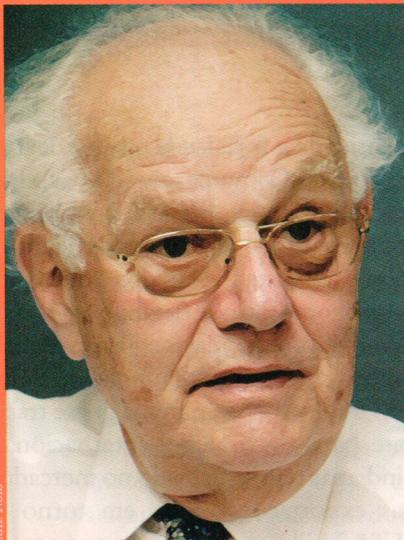


MODELOS DE DESENVOLVIMENTO

Para onde vais, Índia?

**Ignacy Sachs**

Professor Emérito da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris.

Tem a Índia condições de se tornar uma grande potência? Para ilustrar maldosamente esta pergunta, a *The Economist* de 30 de março 2013 publicou na sua capa o desenho de um gato que, no espelho, se vê tigre. O semanário britânico não se conforma com o não-alinhamento da política externa da Índia, achando que este país deveria abandonar tal linha política, obsoleta aos olhos do jornalista, e se aliar mais explicitamente às potências ocidentais. Tal mudança traria pretensamente vantagens para a região e para o mundo, promovendo a democracia na Ásia.

A revista britânica voltou à carga, publicando no seu número de 20 de abril deste ano, sob o título “O manifesto capitalista”, uma extensa resenha do livro de dois conhecidos cientistas indianos, Jagdish Bhagwati e Arvind Panagariya (*Why Growth Matters: How Economic Growth in India Reduced Poverty and the Lessons for Other Developing Countries*). Os autores advogam uma liberalização rápida nos setores de trabalho, propriedade de terra e educação, atacando implicitamente as ideias do economista indiano mais conhecido no mundo, o prêmio Nobel Amartya Sen. Este último acaba de coautorar com Jean Drèze (um belga que se radicou na Índia) um livro, a ser publicado em julho, sob o título *An Uncertain Glory – India and its Contradictions*.

Sen e Drèze consideram que a Índia tem condições de manter um crescimento rápido e ambientalmente sustentável, conquanto corrija as falhas do passado e se concentre nas necessidades básicas da sua população. Os serviços sociais na Índia continuam inadequados e as perspectivas de crescimento rápido estão ameaçadas pela insuficiência das infraestruturas e das políticas de promoção de recursos humanos. Segundo os autores, a Índia tem muito a aprender com a abordagem holística da qual o Japão, a Coreia do Sul e a China foram os pioneiros. Ao analisar as desigualdades e privações prevaletentes na sociedade indiana e as dificuldades a caminho do progresso, o livro transmite, no entanto, uma mensagem fundamentalmente otimista: ainda é possível promover as mudanças necessárias por meio de políticas democráticas.

O desafio é imenso, não só na Índia. As Nações Unidas estimam que um quinto da população mundial de sete

bilhões vive ainda abaixo da linha da pobreza fixada em apenas 1,25 dólar por dia e por pessoa, que, na realidade, mal permite sobreviver.

As desigualdades na repartição da renda *per capita* são abismais. O recém-publicado *A New Global Partnership: Eradicate Poverty and Transform Economies through Sustainable Development – The Report of the High-level Panel of Eminent Persons on the Post-2015 Development Agenda*, relatório das Nações Unidas, assinado pelos presidentes da Indonésia e da Libéria e pelo primeiro-ministro britânico, informa que 1,2 bilhão dos habitantes mais pobres do nosso planeta participam em apenas 1% no consumo mundial, ao passo que o bilhão mais rico consome 72%. Mesmo considerando estes dados, os autores do documento citado permanecem fundamentalmente otimistas: a pobreza extrema e a fome poderão ser eliminadas da face do mundo até 2030!

No entanto, para que isto possa acontecer, a redução nas desigualdades na repartição da renda deveria passar a ser o objetivo central das estratégias de desenvolvimento, o que não tem acontecido até agora, como lembra com razão Stephen Hale, um dirigente da organização não-governamental britânica Oxfam. Nos últimos 20 anos, a renda do centésimo mais rico da população mundial aumentou 60%; as cem pessoas mais afortunadas abocanharam em 2012 a quantia colossal de 240 bilhões de dólares, o suficiente para financiar um ambicioso programa de luta contra a pobreza em escala mundial.

Moral da história: não é mais possível evitar a questão fundamental, por difíceis que sejam as imprescindíveis medidas a serem tomadas. A Índia (e a imensa maioria dos países em desenvolvimento) não conseguirá manter-se no caminho do desenvolvimento ambientalmente sustentável e socialmente incluyente sem intervir drasticamente nos padrões de distribuição da renda entre as diferentes classes sociais. A grande questão é saber se tais medidas são ainda suscetíveis de serem logradas por políticas de cunho reformista ou requerem mudanças de caráter revolucionário. Quero acreditar que o caminho tomado pela Índia desde a sua independência coloca este grande país numa posição favorável para tentar a solução reformista, em que pesem os imensos desafios e as dificuldades por que terá que passar nos próximos anos. ■